

PRECISAMOS DE UM NOVO PLANO PARA O MINISTÉRIO INFANTIL?

Um relatório baseado em pesquisas no Brasil, Canadá, Reino Unido e EUA em estágios posteriores à pandemia.

Pesquisado e escrito por uma equipe de pesquisadores acadêmicos e praticantes do ministério: Sarah Holmes, Lawson Murray, Sue Price, Mimi Larson, Valerie de Abreu e Phil Whitehead

Outubro de 2021

Traduzido por Ney Mezzadri Junior em janeiro de 2022.

Sumário Executivo

Este projeto de pesquisa revelou áreas de preocupação no ministério entre crianças e famílias nas quatro nações em epígrafe. Há indícios que, para a maioria das crianças, a pandemia trouxe reflexos negativos no tocante à formação da fé.

Portanto, à luz de nossas observações neste período de pandemia sobre as crianças e ministério familiar, há uma necessidade urgente de líderes eclesiais e organizações para-eclesiais em estabelecerem estratégias claras e eficazes para as próximas temporadas. Algumas dessas observações encontram-se a seguir:

- Diminuição do envolvimento de crianças e famílias com a igreja durante a pandemia. Sentimentos de exclusão, isolamento e marginalização das crianças das igrejas são generalizadas, juntamente percepções de que o ministério entre crianças não é tão priorizado quanto o ministério com adultos;
- As conexões relacionais eram altamente valorizadas pelas famílias, mas pareciam ser uma das mais desafiadoras para as igrejas;
- O papel das crianças nas igrejas ficou mais passivo que ativo. Da mesma forma, os pais são, muitas vezes, vistos como meros canais para passar a provisão e os recursos da igreja para o filho ao invés de se enxergar os próprios pais como recursos. Portanto, há em relacionamento institucional entre pais cristãos e a igreja, em vez de um relacionamento dialogal e colaborativo.
- Os pais cristãos se sentem mal preparados para nutrir a fé de seus filhos. O apoio efetivo da igreja nesta área tem sido limitado e tende a equivaler a mero compartilhamento de recursos em vez de apoio significativo e colaborativo, composto por recursos que muitas vezes não são adequados ao propósito.
- A colaboração entre famílias, escolas e igrejas tem sido mínima. A Igreja é muitas vezes visto como um provedor de serviços ao invés de um parceiro. Foi

observada uma desconexão entre como as igrejas apoiam escolas e famílias: se o conteúdo ou a conexão são mais eficazes.

Concluimos que há uma necessidade urgente de líderes eclesiais e organizações para-eclesiais em priorizar o ministério entre as crianças e formular estratégias claras para o futuro. Isso deve incorporar uma nova maneira de trabalhar em todas as nações envolvidas nesta pesquisa - para um modo onde os pais estão autenticamente em parceria com a igreja para apoiar a fé de forma mais eficaz na formação intergeracional.

Em vez de fornecer recursos, há necessidade de um nível de diálogo para transformar a mentalidade existente dos pais que se sentem mal equipados e que, portanto, hesitam em se envolver com a fé de seus filhos, delegando-os assim unicamente à igreja.

Essa abordagem revisada deve incorporar uma maior conexão relacional, em vez de ser principalmente conteúdo ou orientado a programas. Em última análise, é preciso haver uma comunicação mais clara, maior clareza e um senso de propósito mais forte entre todos os que estão envolvidos na formação da fé das crianças, a fim de para melhor servir as crianças nas próximas gerações.

1) Preparando a cena

É claro que muitos experimentaram o ministério pandêmico como tumultuado e exaustivo¹. No entanto, Brueggemann² argumentou que a mudança e a disrupção podem ter impactos positivos e resultados. De fato, em alguns casos, a autoavaliação, a reflexão e a avaliação aprimoradas ocorreu em resposta às condições da pandemia, o que tem sido benéfico³. Essa pesquisa, portanto, procurou capturar insights sobre crianças e ministério familiar, para estimular a avaliação e reflexão, com vista a aumentar a eficácia deste ministério para o futuro.

Este relatório é baseado em dados de pesquisa online coletados no Brasil, Canadá, Reino Unido e EUA em junho de 2021, reunindo os pontos de vista e experiências de 139 líderes da igreja, 16 escolas e 113 pais cristãos em tempos de pandemia. Dados suplementares foram coletados por meio de uma pesquisa anterior mais extensa em Brasil, compreendendo 167 respostas à pesquisa de líderes de igrejas representando 24 denominações.

Outro grupo canadense capturou respostas de 175 igrejas de 25 denominações em todas as dez províncias e um território⁴ e 55 entrevistas no Reino Unido (pais, avós, filhos trabalhadores, conselheiros regionais e provedores de recursos). Também incorporamos dados do Barna Group⁵ para fornecer mais detalhes sobre a situação nos Estados Unidos. Nós

¹ Boaheng (2021); Johnston, Eagle & Headley (2021); Ross (2021).

² Brueggemann (2011).

³ Yemtsa (2021).

⁴ Scripture Union, (2021)

⁵ The Barna Group, <https://www.barna.com/>

reconhecemos que é provável que os entrevistados da pesquisa e da entrevista tenham participado como resultado de serem mais interessados e envolvidos na formação da fé das crianças do que outros na Igreja, potencialmente distorcendo os dados coletados. No entanto, é fascinante ver que as mesmas questões, desafios e oportunidades foram relatadas por todos os países representados.

Esclarecendo nossa terminologia:

Escolas: Existem diferentes tipos de escolas e a terminologia para descrevê-las varia de país para país. Escolas informadas por uma cosmovisão cristã são geralmente identificadas por suas denominações (por exemplo, católica, batista ou anglicana), associação (por exemplo, Associação de Escolas Cristãs Internacional), ou mais vagamente por uma variedade de termos (por exemplo, Escolas da Igreja, Escolas Cristãs, Escolas de Fé Escolas, Escolas Religiosas). As escolas que participaram deste estudo se enquadram em uma dessas três categorias.

O ministério intergeracional é um modo de vida juntos mais do que uma abordagem ministerial. Ocorre quando uma congregação “intencionalmente reúne as gerações em mútuo serviço, partilha ou aprendendo dentro das atividades centrais da igreja, a fim de viver sendo o corpo de Cristo para cada outro e a comunidade maior”⁶. Este conceito incorpora a comunidade de crentes que se engajam em relacionamentos recíprocos entre as gerações como base para a vida de uma pessoa e sua formação e aprendizado espiritual.

Fé no lar: Cresceu a consciência da importância da família, ao lado da igreja, na educação da fé de uma criança⁷. Os envolvidos no ministério infantil devem considerar quem são os responsáveis pela formação da fé de uma criança. São os pais, a igreja local, a escola cristã, ou dois ou três destes combinados? Reconhecendo que todos os três estão investidos na formação da fé, este estudo investigou o que estava acontecendo em casa, na igreja e na escola durante este período.

2) Presentes da pandemia de Covid-19: o que ela revelou?

Pode parecer estranho falar da pandemia como oferta de presentes. No período pré-pandemia parece que instituições como escolas e igrejas se sentiam confiantes em sua orientação para o ministério com crianças. Havia planos em andamento, com alguma consciência da necessidade de revisão, mas todos pareciam estar trabalhando de acordo com um plano. No entanto, a pandemia causou completa desorientação e, para muitos, destacou situações pré-existentes como disfuncionais ou ineficazes.

O resultado desta pesquisa mostra que a antiga orientação precisa ser totalmente revisada e esse é um dos presentes que nos foi dado. Não há mais certeza sobre o que vai ou não funcionar dentro da igreja e da escola. Existe agora um forte apelo para a criação de uma nova orientação. Isso será delineado

⁶ Allen & Ross (2012)

⁷ Barna (2019a), Mark (2016).

nas seções subsequentes, incluindo nossas observações do ministério durante a pandemia, para servir como presentes à igreja na avaliação de como a educação da fé das crianças pode ser mais eficaz posteriormente.

2.1 O impacto da pandemia no ministério infantil baseado na igreja

No contexto do Reino Unido, muitos líderes infantis relataram profunda tristeza e frustração com as mudanças no cenário e o contexto do ministério com crianças. Muitos simplesmente acharam impossível atender às diversas necessidades das crianças e famílias em sua comunidade da igreja devido às várias restrições e limitações em vigor.

Eles se preocuparam com o impacto na fé das crianças que receberam uma contribuição espiritual mínima durante a pandemia. De fato, 71% dos entrevistados brasileiros relataram que a dificuldade de manter a estrutura de recursos que ofereciam era incontornável devido ao aumento das responsabilidades. A escala da situação foi captada pela pesquisa canadense⁸, revelando que 63% das igrejas cancelaram ou suspenderam a Escola Dominical, 43% das igrejas cancelaram ou suspenderam os encontros no meio da semana e Escolas Bíblicas de Férias, e 35% tiveram acampamentos cancelados ou suspensos.

No Brasil, 20% das igrejas cessaram o apoio ao ministério para crianças durante os estágios iniciais da pandemia, 32% transferiram seu ministério infantil para o online, e no momento da pesquisa 24% afirmaram que estavam avaliando e fazendo mudanças para apoiar as crianças. Nos Estados Unidos, 34% das igrejas ofereciam recursos digitais para as crianças usarem em casa, 26% aumentaram sua presença nas mídias sociais ou ofereceram aulas bíblicas online ou escola dominical para esse grupo de idade, e uma diminuição no envolvimento com as crianças foi observada em toda a linha.⁹ Apenas 9% das igrejas disseram que seu envolvimento com crianças menores de 10 anos aumentou, com 21% relatando que havia permanecido o mesmo e 62% relatando uma diminuição.¹⁰ No Brasil, menos de 10% das igrejas participantes ofereceu uma forma de interação pessoal com as crianças. Em entrevistas e conversas, as únicas igrejas brasileiras que relataram crescimento foram aquelas que ofereceram encontros online além do momento material da Escola Dominical.

Na mesma linha, as entrevistas realizadas no Reino Unido revelaram que muitos líderes infantis e organizações para-eclesiais expressaram preocupação de que em famílias onde a atividade de fé mínima tivesse ocorrido em casa, o impacto seria agravado pela falta de envolvimento ou frequência com a atividade da igreja. Assim, com a redução do envolvimento com as atividades da igreja durante a pandemia, o impacto foi considerado alto, com consequências a longo prazo sobre a fé das crianças.¹¹ À medida que as

⁸ Scripture Union (2021).

⁹ Barna (2020a)

¹⁰ Barna (2020a)

¹¹ Holmes (2021)

restrições da pandemia diminuem, esses impactos parecem continuar, já que muitos relatos anedóticos em cada uma dessas nações indicam que crianças e famílias não estão retornando aos níveis pré-pandêmicos de frequência nas atividades da igreja ou programas.

Em relação ao conteúdo e estilo de oferta, parece que recursos e conceitos pré-existentes foram simplesmente transferidos para a interface online, com alterações ou ajustes mínimos para levar em conta a mudança de estilo de entrega. No Brasil, a maioria dos participantes relatou usar o mesmo material, mas online durante a pandemia, e depois em formato híbrido na era pós pandemia. Houve leves ajustes na forma de disponibilização de material para levar para casa para os pais e inclusão de temas relacionados a traumas emocionais e perdas.

De fato, parece que o Zoom funciona bem para transferência de informações, mas não para as interações relacionais ou experienciais que acontecem naturalmente em um ambiente ministerial. Muitos líderes do ministério infantil no estudo indicaram que eles não sabiam como ser criativos durante a pandemia. Eles viram apenas duas opções - cara a cara ou Zoom. Parece que as igrejas lutaram para mudar suas mentalidades para uma nova maneira de ministrar, então simplesmente tentaram continuar seus padrões de ministério pré-pandemia, mas por meio de plataformas online.

Em nossa pesquisa, quando os pais foram questionados sobre seus sentimentos em relação ao ministério, 34% disseram que a provisão era boa, adequada ou ok, embora 66% se sentissem negativamente expressando emoções como “chateado”, “desapontado” ou “frustrado”. Vinte e sete por cento afirmaram que em seu ambiente as crianças eram excluídas, isoladas ou não disposição pandêmica. Comentários esclarecendo isso incluíram: 'Eu tive que lembrá-los de lembrar das crianças', 'era mais fácil se conectar com os pais do que com as crianças', 'eles não levavam as crianças a sério', 'as crianças foram deixadas para trás', e 'as crianças se desligaram'. Esses comentários revelaram um sentido que muitas vezes o ministério pandêmico era mais focado em adultos, resultando na exclusão de crianças.¹²

No Canadá, metade das igrejas involuntariamente negligenciou ou ignorou crianças pequenas. Na pesquisa internacional, muitos explicaram que esse sentimento de exclusão das crianças as levou ao “desengajamento”, sugerindo um impacto negativo na formação de sua fé. Esse senso de priorizar o ministério adulto foi ainda demonstrado pela prática generalizada de licença para jovens e crianças ministros do Reino Unido no início da pandemia.¹³ Por outro lado, no Canadá, muitos voluntários que estiveram envolvidos no ministério infantil pré-pandemia não se envolveram durante o Covid-19, embora os funcionários assalariados do ministério infantil fossem geralmente mantidos na folha de pagamento porque eram apenas as pessoas que continuaram a provisão das crianças.

¹² Scripture Union (2021)

¹³ Holmes (2021)

No Reino Unido, houve também uma preocupação generalizada com a redução acentuada de voluntários envolvidos no ministério com crianças durante e após a pandemia. Outra evidência de que o ministério infantil era uma prioridade baixa durante a pandemia foi que uma pesquisa em grande escala explorando a atividade da igreja no Reino Unido durante a pandemia não incluiu uma única pergunta sobre o envolvimento da igreja com crianças ou jovens.¹⁴ Nas observações na Noruega, Holanda e África do Sul concordaram com isso, indicando que o ministério infantil não era priorizado tanto quanto o ministério focado em adultos, e muitas vezes foi negligenciado durante este período de crise.¹⁵ Isso foi mostrado no contexto da Coreia do Sul.¹⁶

Além disso, parecia que muitas vezes as crianças não foram incluídas como participantes ativos, mas sim como receptores passivos, com pouca ou nenhuma contribuição própria.¹⁷ Observações anedóticas mostram que, à medida que as restrições da pandemia foram reduzidas, a prática da igreja continuou a priorizar o ministério de adultos ao invés de crianças. Ao lado disso, em todas as nações do estudo de caso, as igrejas estão lutando para reengajar os voluntários. Entrevistas no Reino Unido revelaram que um dos desafios mais significativos para os líderes infantis na pandemia era a conexão relacional, pois eles frequentemente enfatizavam que era significativamente mais difícil para se conectar com crianças do que com adultos dentro das circunstâncias.¹⁸

Isso parece uma dicotomia, dada a era digital em que vivemos, em que as crianças acessam a tecnologia com imensa facilidade. No entanto, no contexto da igreja, tem sido desafiador. As entrevistas no Reino Unido também revelaram preocupações de líderes de crianças que havia oportunidades intergeracionais mínimas durante a pandemia. Eles acreditavam que isso havia limitado a disponibilidade e o acesso da criança a modelos de fé e impediam o sentimento de pertencimento. Dos participantes da nossa pesquisa, 43% das respostas dos pais relataram o ministério segregado para crianças e seus pais e 40% relataram ministério para toda a família. Doze por cento dos entrevistados expressaram que a provisão segregada parecia prejudicial e teria sido preferido o ministério de toda a família durante esta temporada, porque 'nós estavam todos no mesmo quarto em casa, então teria feito mais sentido.'

Deve-se notar que nossa pesquisa também capturou muitas experiências positivas. Alguns entrevistados relataram apoio prático, como visitas à porta, compras para famílias, telefonemas, bem como por serviços on-line para todas as idades e provisão de recursos foram todos relatados como apoio e nutrição para formação da fé das crianças. Nesses casos positivos, a ênfase refletiu o trabalho comunitário juntos para fornecer apoio e recursos, que por sua vez impactaram a formação da fé.

¹⁴ Evangelical Alliance (2020)

¹⁵ Holmes, Sandsmark, Sonnenberg and Weber (2021)

¹⁶ Oh and Hong (2021)

¹⁷ Holmes, Sandsmark, Sonnenberg and Weber (2021)

¹⁸ Holmes (2020)

Um discurso subjacente nas respostas foi que o impacto (positivo ou negativo) de um recurso ou atividade dependia da medida em que as famílias se sentiam apoiadas dentro de sua fé e comunidades mais amplas em primeiro lugar. De fato, no estudo do Brasil havia apenas duas igrejas cujo trabalho com crianças aumentaram durante a pandemia, e eram igrejas que deliberadamente procuravam fazer mais do que simplesmente oferecerem um programa de Escola Dominical. Em vez disso, eles criaram contatos relacionais pessoais, através do qual o cultivo da fé foi realizado. Isso pareceu altamente impactante, apoiando ainda mais a noção de que a conexão relacional é um fator chave.

2.2 O impacto da pandemia na nutrição da fé baseada na família

As respostas dos pais na pesquisa mostraram evidências claras de famílias se sentindo retraídas e desconectadas da igreja ou da fé (66%), incluindo sentimentos sobre como estarem sobrecarregados, lutando para se envolver com a oferta online, exaustão, equilibrando várias demandas, sentindo-se isolados e sem suporte.

Durante as fases intensamente ocupadas, outras questões do dia a dia tiveram precedência sobre formação da fé. No Brasil, 52% dos líderes da igreja enfatizaram a dificuldade de engajar as crianças via formatos online, o que muitos acreditavam ser devido à dificuldade dos pais serem parceiros na configurar a tecnologia para as necessidades de seus filhos. Além disso, no inquérito multinacional, embora 32% dos pais afirmaram que a atividade espiritual de sua família diminuiu devido à diminuição juro e desconexão da igreja, 25% comentaram que havia aumentado. Além disso, 17% relataram que a fé de sua família cresceu ou foi enriquecida durante o período de 18 meses e 10% relataram aumento do discipulado no lar.

Essas mudanças positivas incluíram comentários, como “culto de crianças mais intencional em casa”, “recursos usados juntos”, “fé mais profunda com mais tempo em casa”, “a fé se tornou parte da vida cotidiana”, “conversas mais espirituais”, e “mais intencional sobre nutrição espiritual”. Com efeito, para algumas famílias (26%), a pandemia proporcionou uma oportunidade para eles crescerem como uma família na fé. Algumas oportunidades apreciadas por vir juntos como uma família para diversão e adoração. Isso ressoa com as observações na Coreia do Sul de pais se tornando mais interessados na fé e no crescimento de seus filhos.¹⁹

Por isso, as respostas à nossa pesquisa revelaram uma bênção mista provocada pela pandemia - deu tempo extra para a família, o que para alguns foi um grande benefício (12%), mas para outros trouxe estresse e desafios (88%). Houve comentários sobre isolamento social e falta de acesso a grupos (16% das respostas), sugerindo que há um desejo real, valor e necessidade de reuniões comunitárias, talvez não totalmente percebidos e apreciados até que esses grupos desapareceram na pandemia.

¹⁹ Oh & Hong (2021)

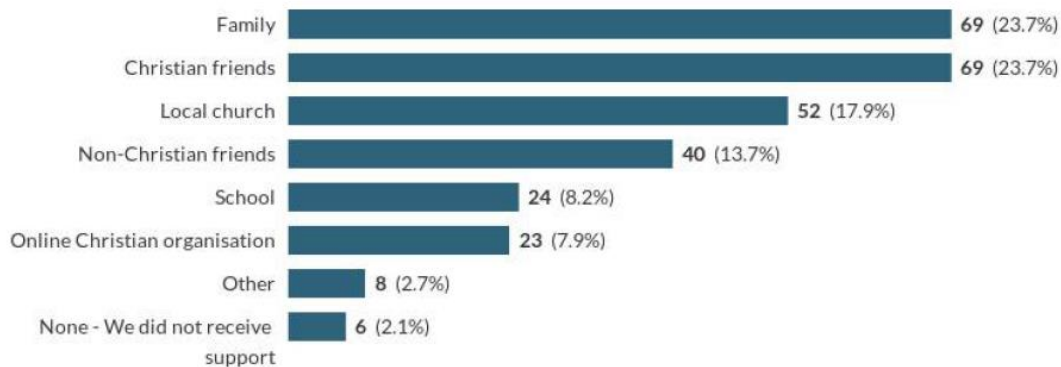


Figura 1: Fontes de apoio relatadas por pais cristãos durante a pandemia

As restrições da pandemia não apenas resultaram na cessação dos programas tradicionais da igreja e atividades, mas também resultou em muitos pais cristãos tornando-se professores da Escola Dominical de fato e pastores. As várias linhas de pesquisa revelaram que a maioria dos pais não estava preparada para esses papéis e responsabilidades. A pesquisa sul-coreana afirmou que “o trabalho do professor cabia a pais” e eles “estavam estressados em seu novo papel”²⁰, concordando com relatos de nossas pesquisas e entrevistas que a súbita mudança de foco da educação baseada na igreja para o foco nos pais foi incrivelmente desafiador e estressante para a maioria dos pais cristãos. Muitos se sentiram mal preparados para discipular seus filhos. Um funcionário do ministério infantil disse: “estamos cientes da hesitação dos pais possuir o discipulado de seus filhos.” De fato, a pandemia expôs uma realidade trágica; “mesmo bons lares cristãos lutaram para construir a formação espiritual nos ritmos diários da vida.”²¹

As abordagens adotadas devem ser consideradas aqui: se o ministério foi feito 'para' ou 'com' os pais. Dentro nas entrevistas no Reino Unido, foi frequentemente relatado que uma infinidade de recursos e ideias foram 'jogados nas famílias' quando o *lockdown* começou, e isso foi esmagador para muitos. De fato, muitas famílias lutaram para 'encaixar a igreja' de acordo com alguns dos representantes da igreja. Isto indica que as expectativas não eram consistentes ou integrais à vida familiar. Enfim, o Instituto Barna relatou que 72% dos pais engajados na igreja afirmaram que eram mais propensos a confiar na igreja para o desenvolvimento da fé de seus filhos. Pais menos engajados na igreja, em comparação, são mais propensos a olhar para a família extensa como a chave para o desenvolvimento da fé de seus filhos (39%). Isto destaca a responsabilidade limitada que os pais cristãos assumem em relação à formação da fé. Também questiona se as abordagens foram apropriadas e eficazes.

Em relação ao apoio a essas famílias durante a pandemia, a figura 1 mostra que quase metade das famílias participantes (48%) relatou que sua principal fonte de apoio era a família e os amigos cristãos, demonstrando que as estruturas de apoio pessoal e informal foram mais prevalentes e eficazes do que

²⁰ Oh & Hong (2021)

²¹ União das Escrituras (2021)

as estruturas formais, como a igreja local (18%) e a escola (8%). É interessante observar que em nossa pesquisa alguns representantes da igreja relataram que um de seus principais objetivos durante a pandemia era apoiar os pais, mas os pais indicam aqui que não acharam a igreja uma fonte primária de suas estruturas de suporte. Esta desconexão na percepção e experiência auxiliará na observação de como as igrejas formarão e moldarão suas estratégias e atividades daqui para frente.

2.3 O impacto da pandemia na educação da fé na escola

As respostas da pesquisa das escolas foram muito limitadas, o que se considera refletir a situação estressante que as escolas vivenciaram em tempos de pandemia. No entanto, as respostas de igrejas e pais forneceu informações interessantes sobre este tema. Quando os pais foram questionados sobre o quanto a fé de seu filho foi apoiada no contexto escolar, a maioria (83%) revelou que seu filho não recebeu apoio para a fé de seu filho durante o período de isolamento na pandemia. Embora não esteja claro tal apoio em comparação com o período pré-pandemia, estima-se que os pais viam o contexto escolar como de contribuição mínima para a fé de seus filhos.

Aqueles que relataram que a fé de seus filhos foi apoiada pela escola descreveu isso como ocorrendo por meio de adoração coletiva e aulas, com 7% descrevendo um hábito geral de respeitar a discussão sobre fé, 1% relatando oração e 1% relatando pais sendo apoiados em seu papel de nutrir a fé. Um deles comentou: 'Meu filho tem sua fé nutrida em casa e na igreja para que ele não precisasse necessariamente na escola', e outro: 'Não esperamos pedir coisas de fé na escola'. Apenas 10% dos pais entrevistados relataram que sua igreja apoiou as escolas locais durante a pandemia. Isso ressoa com o sentimento relatado em muitas das entrevistas do Reino Unido.

Obreiros de escolas cristãs comentam que as igrejas locais muitas vezes não compreendiam sua participação na visão de divulgação através das escolas. A situação é um pouco mais complexa no Estados Unidos e Canadá, pois os dados não revelaram tendências dessa natureza nessas nações. No Brasil, escolas e igrejas tendem a funcionar independentemente umas das outras, e isso continuou durante toda a pandemia. Em relação à natureza desse apoio, as respostas da pesquisa de igrejas mostraram que, sempre que possível, e dependente de relacionamentos pré-existentes entre igrejas e escolas, a contribuição das organizações eclesiais continuou na forma de cultos online, criando recursos e gravações, enviando presentes e oferecendo apoio pastoral aos funcionários. Porém muitas conexões igreja/escola não foram capazes de continuar durante a pandemia ou não pareciam existir no período pré-pandemia.

O efeito na formação da fé das crianças não é claro a partir dos dados da pesquisa, embora muitas igrejas afirmassem que as relações pré-pandemia com as escolas eram fundamentais para seu envolvimento contínuo durante a pandemia. Sem exceção, todos os trabalhadores das escolas do Reino Unido entrevistados afirmaram que o maior impacto da covid no seu setor foi a grande redução no contato relacional com as crianças.

Da mesma forma nos EUA e Canadá, há um sentimento dos trabalhadores que o maior desafio é a incapacidade de estar cara a cara com as crianças. A entrevista e os dados da pesquisa revelam que as oportunidades na pandemia para o envolvimento da escola foram em grande parte não-relacional em essência, garantindo que o conteúdo do currículo cristão continuasse, mas o contato pessoal e relacional ficando de lado. Os trabalhadores das escolas cristãs sentiram que isso impedia grandemente o impacto de seu ministério.

Muitos expressaram frustração porque, embora tivessem conseguido fornecer algum apoio para o pessoal da escola, isso não tinha sido possível em grande parte com as crianças. Isto levanta a questão de saber se foi possível manter relações com as crianças e funcionários através de serviços on-line ou presentes enviados. No entanto, essa conscientização não parecia estar na vanguarda do pensamento de muitos participantes da igreja ao relatar sua atividade pandêmica nas entrevistas e pesquisas online. Muitos tiveram seu tempo consumido pela geração de vários recursos a serem entregues remotamente, com oportunidades mínimas de conexão relacional. Com isso, percebe-se diferença da presença física em oposição à presença virtual para a formação da fé.

2.4 Evidência de colaboração

As respostas da pesquisa mostraram muito claramente que a falta de colaboração entre o lar e a igreja em suas ações adotadas durante a pandemia. Frases como 'a igreja não atendeu nossas necessidades', 'envolvemo-nos com os serviços tanto quanto podíamos', 'eles deveriam ter atendido mais para as todas as crianças' retratam a igreja como um provedor de serviços para as famílias utilizarem. Nenhuma das respostas falou de colaboração e apoio geral ou holístico da fé das crianças.

O foco era muito sobre o que a igreja fornecia e quão útil era. Na verdade, quando os pais foram questionados sobre quem eles queriam atender às necessidades espirituais de seus filhos, apenas 30% das respostas transmitiram um sentido de parceria ou trabalho em conjunto (entre família, atividade da igreja local e informalmente através relações entre a comunidade cristã). O restante tendeu a expor suas respostas em isolamento, como "equipe de jovens", "líderes de jovens e crianças na igreja", "principais grupos de jovens/crianças trabalhador", "ministro".

Isso reflete um arranjo pré-existente de a Igreja ser uma prestadora de serviços em vez de um parceiro, e se conecta com uma desconexão significativa que foi observada em todos os países de estudo de caso durante a pandemia: Por um lado, muitas igrejas acreditavam que os pais deveriam ser mais proativos nas atividades de fé em casa durante o fechamento da igreja. No entanto, muitos pais sentiram-se sobrecarregados e pressionados pela situação em si, por isso não sentiu capacidade para fazê-lo.

Assim, cada grupo sentiu que o outro deveria estar fazendo mais. Por exemplo, as preocupações de alguns colaboradores canadenses foram capturadas neste comentário: "Apesar de oferecer vários recursos por meio de

nosso Página do Ministério Infantil no Facebook e canal no YouTube, parece que poucos pais se aproveitam deles". Além disso, parecia haver uma falta de clareza em relação ao empreendimento compartilhado de fé e educação entre as crianças, enfatizado por muitos relatórios em entrevistas no Reino Unido, revelando que a extensão ao qual a fé da família foi dirigida foi que os líderes das crianças esperavam que os pais pudessem ouvir o que as crianças estavam fazendo durante as sessões online.

Um pequeno número optou por usar as sessões online como oportunidades para 'coagir' adultos a se envolverem, por exemplo, com 'músicas de ação' ou artesanato, indicando uma sensação de que o objetivo era fazer o adulto se sentir desconfortável ou fazer algo que eles prefeririam não. De forma mais positiva, alguns proporcionaram atividades de extensão para famílias realizarem juntas fora das sessões. Essa falta de clareza em relação ao trabalho em conjunto é ainda apoiada pela investigação das igrejas na Noruega, África do Sul e Holanda, onde o apoio das famílias em relação à educação da fé das crianças era limitado e variável.²² De fato, eles observaram que as organizações para-eclesiais tendiam a produzir recursos extensivos, porém por muitas vezes não replicados ou acessados dentro da igreja local. E os recursos produzidos muitas vezes não pareciam para atender às necessidades específicas de cada família.

Além disso, notou-se que as igrejas se concentravam mais sobre a produção de conteúdo de discipulado para as crianças, através do qual os pais foram encarregados de fornecê-los para a criança. Havia muito menos evidência de igrejas equipando e capacitando os pais a assumirem ativamente a responsabilidade por este aspecto. Isso foi mais agravado pelo discurso subjacente, observado em muitos casos, de que a fé da criança o desenvolvimento estava "em espera" até que as igrejas pudessem retornar às reuniões físicas; enfraquecendo ainda mais a papel da família no desenvolvimento da fé. Em última análise, percebemos através da pesquisa que muitas igrejas simplesmente procuraram equipar as famílias com as lições da Escola Dominical. Eles apenas tentaram transferir o que eles faziam normalmente na sala de aula para dentro de casa, sem saber se aqueles métodos de ensino seriam eficazes, quer os pais gostem deles ou tenham a capacidade de realizá-los. Havia evidências mínimas da criação de algo para se adequar ao único ambiente da família.

As conexões entre igrejas e escolas seguiram uma tendência semelhante, na medida em que eram mínimas, com a se concentrar mais na provisão de recursos do que na conexão relacional. Apenas 6% de igrejas transmitiram uma sensação de apoio relacional e pastoral às escolas e pastoralmente, embora 33% relataram que sua igreja havia fornecido assembleias ou aulas de Educação Religiosa (pré-gravadas ou ao vivo no modo online). Este projeto não investigou até que ponto as escolas colaboraram na formação de esses recursos, de modo que é desconhecido. No entanto, há indícios de uma forte ênfase na provisão de recursos, sendo o propósito e estratégia primários dentro do relacionamento igreja-escola.

²² Holmes, Sandsmark, Sonnenberg e Weber (2021)

Parece, portanto, que um senso de colaboração e parceria entre igrejas e pais / igrejas e escolas seria muito desejável e benéfico, pois o aspecto de que pais cristãos relataram como mais benéficos durante a pandemia foram de conexões informais e relacionais. Suspeita-se que o mesmo pode ser verdade para as escolas. A Figura 1 mostra que 54% dos pais participantes identificaram o apoio da igreja local durante a pandemia como apoio, embora 71% tenham afirmado que os amigos cristãos foram um apoio para eles. Isso indica que o apoio informal foi mais funcional do que estruturas formais de apoio durante a temporada de pandemia.

No entanto, chama a atenção que 71% relataram ter obtido apoio da família, destacando a família e os amigos cristãos como as principais estruturas de apoio para as famílias cristãs durante aquela estação estressante, ao invés de igrejas locais. Portanto, é fundamental que a comunidade cristã está atenta ao fato de que essas conexões relacionais (particularmente informais) foram o aspecto mais benéfico do apoio pandêmico, em vez de fornecer os recursos no estilo de uma Escola Dominical. Portanto, a formação de estratégias ministeriais deve ser revisada com o intuito de serem moldadas à esta realidade.

2.5 Observações resumidas

- Famílias e igrejas relataram diminuição do envolvimento das crianças com a igreja durante a pandemia. Em muitos contextos, havia um sentimento de exclusão e isolamento das crianças das igrejas durante a pandemia. Muitos sentiram que o ministério para crianças não foi priorizado tão altamente quanto o ministério para adultos. Isso pode estar associado à redução dos voluntários da equipe infantil durante a pandemia e além.
- As conexões relacionais eram altamente valorizadas pelas famílias, mas pareciam ser um dos aspectos mais desafiadores para as igrejas. As experiências positivas relatadas durante a pandemia pareciam se correlacionar de perto com situações em que havia boa conexão relacional, principalmente conexões intergeracionais.
- As famílias relataram as mais variadas experiências de pandemia: algumas acham que é um momento de crescimento da fé para a família, enquanto outros acham exaustivo e esmagador.
- O papel das crianças nas igrejas durante a pandemia parecia ser passivo e não de participantes ativas. Além disso, parecia que as igrejas muitas vezes viam os pais como meros canais de transmissão dos recursos e ensinamentos da igreja para a criança, em vez de observarem os próprios pais como o recurso. Daí a relação entre os pais cristãos e a igreja eram mais transacionais do que relacionais, de modo que a igreja criava os recursos fornecidos e simplesmente repassava-os aos pais para transmitirem as crianças, ao invés de viverem juntos uma parceria relacional de fé.
- Muitos pais cristãos se sentiram mal preparados para o papel de nutrir a fé de seus filhos. Já parecia haver um déficit no apoio efetivo dos pais cristãos para

este papel por parte da igreja. Os recursos fornecidos pelas igrejas durante a pandemia tendiam a não ser destinados ao propósito de uso em casa, mas eram uma réplica do que seria usado em um ambiente de igreja, e, portanto, eram muitas vezes ineficazes. Além disso, as famílias exigiam mais do que mero recurso; eles precisavam de apoio contínuo em seu papel. Infelizmente, a cultura pré-existente e o hábito da igreja como o principal provedor de nutrição da fé não empoderou nem preparou os pais. Por isso, os pais cristãos muitas vezes hesitavam em assumir o papel principal na formação da fé de seus filhos, consequentemente esperando que a igreja ou escola o faça.

- Há evidências mínimas de colaboração entre famílias, escolas e igrejas. De fato, a Igreja era vista como provedora de serviços e não como parceira na busca de nutrir a fé das crianças. Parece haver uma desconexão sobre o apoio das igrejas às famílias e escolas, se o conteúdo ou a conexão são mais eficazes, e também até que ponto quaisquer recursos são concebidos de forma colaborativa com os usuários. Ao resumir as observações deste estudo de pesquisa, parece que, para a maioria das crianças, a pandemia teve um efeito adverso na formação da sua fé. A observação de uma nítida falta de colaboração entre a igreja, o lar e a escola foi notável. Parece que existe uma necessidade de uma nova maneira de trabalhar em todas as nações envolvidas nesta pesquisa - para um modo onde os pais se sintam apoiados em nutrir a fé de seus filhos por meio da igreja e da escola, e onde as conexões entre escolas, famílias e igreja são fortalecidas para apoiar de forma mais eficaz desenvolvimento da fé intergeracional. Esta é uma oportunidade de reflexão e um dom precioso que surgiu da pandemia que não deve ser ignorada ou perdida.

3) Respondendo a essas observações para as próximas estações

Este estudo de pesquisa procurou capturar insights sobre como a pandemia global impactou o ministério com crianças. Acreditamos que esses insights sejam significativos e podem ser aproveitados para futuros esforços ministeriais. De certa forma, vemos o que aconteceu na pandemia como um presente para a igreja global em termos de nos mostrar onde nossos esforços ajudarão na formação da fé de uma criança e onde nossos esforços atrapalharão.

3.1 Explorando funções e responsabilidades

Na pesquisa, os pais foram questionados sobre quais eram as necessidades espirituais de sua família para o futuro. O desejo esmagador dos pais na pesquisa era reintegrar-se na Comunidade Cristã, com isso sendo mencionado por 39% dos entrevistados. Os exemplos incluíam a reconstrução de relacionamentos, oportunidades intergeracionais, mais atividades presenciais, como reuniões com outras famílias, e permitindo que as crianças experimentem a igreja e se sintam parte da família da igreja e se conectem com colegas cristãos.

Além disso, 25% expressaram desejos por atividades da igreja que incluam crianças e famílias juntos, refletido em comentários como “um lugar para adorar juntos”, “servir novamente”, “tornar os serviços acolhedores às famílias e

priorizar as crianças”, “oração e encorajamento” e “cantando juntos”. Das respostas, 21% explicaram o desejo de uma vida mais orientada ao discipulado pessoal/familiar. Cinco por cento desejavam maior conscientização sobre saúde mental e ensino sobre processamento e traumas na igreja. Apenas 1% dos entrevistados afirmaram que desejavam o mesmo que ministério pré-pandemia. Essas respostas demonstram um desejo das famílias cristãs por algo novo e diferente do ministério pré-pandemia, mas também o forte desejo de um senso de reunião como comunidade da igreja.

Quando perguntados sobre o papel que as igrejas deveriam ter na vida de seus filhos (figura 2), apenas 1% dos pais cristãos afirmaram que achavam que a igreja era a única responsável. Por outro lado, 97% dos entrevistados indicaram que a Igreja não deve ser a principal liderança na fé na criação dos filhos, mas seu papel era apoiar os pais, reforçar a educação parental e ser disponível para aconselhamento, se necessário. Esta resposta é surpreendente, uma vez que não parece retratar o comportamento contemporâneo de muitas igrejas nos países pesquisados. De fato, em nossa pesquisa, as igrejas comunicaram que viam o objetivo de discipular as crianças, não os pais. Portanto, aqui novamente vemos que as famílias cristãs estão desejando um novo modo de operar em termos de papéis envolvidos na formação da fé das crianças.

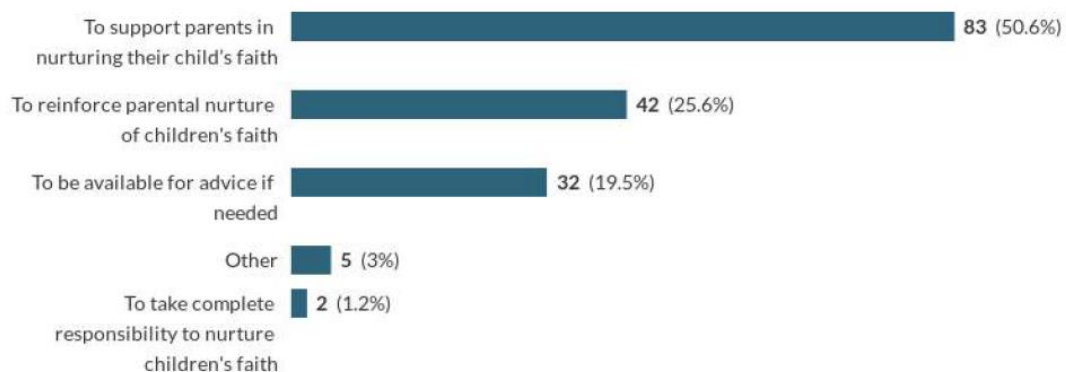


Figura 2: Que papel os pais cristãos percebem que as igrejas devem ter na fé de seus filhos

Em outra parte da pesquisa, as igrejas foram questionadas sobre o que eles achavam que eram as necessidades dos cristãos. pais e famílias. Respostas correlacionadas com o desejo predominante dos pais descritos acima, com 29% dos participantes indicando reconexão com a igreja. Além disso, 15% dos entrevistados mencionaram o desejo de apoio da comunidade da igreja e outros 15% acreditavam que as famílias queriam encorajamento e uma sensação de serem valorizadas e ouvidas. Isto é fascinante, pois 26% acreditavam que os pais queriam apoio para aumentar a fé cristã em casa, e, no entanto, não havia evidências na pesquisa de que isso combinasse com as estratégias que eles tinham empregado. Da mesma forma, um estudo anterior descobriu que os líderes da igreja americana de todas as denominações concordaram universalmente que a formação espiritual das

crianças deve começar com os pais, e ainda as igrejas colocavam pouca ênfase na formação de equipar os pais.²³

Por outro lado, 5% sentiram que os pais queriam descansar e ‘recarregar’, ressoando com os relatos dos pais de estarem exaustos e sobrecarregados. Portanto, os representantes da igreja nesta pesquisa pareciam estar adequadamente cientes das necessidades e desejos das famílias cristãs, mas isso não parecia se traduzir, em muitos casos, num trabalho prático. Enquanto muitos afirmam que é importante que pastores, professores, e os pais trabalhem juntos pelo bem dos filhos,²⁴ em nossa pesquisa apenas um dos filhos líderes declararam especificamente que buscaram apoio e conselhos em seu ministério de pais na igreja, indicando que a consulta com os pais em muitas igrejas pode ser mínima. Daí tudo isso sugere uma confusão geral sobre papéis e responsabilidades em relação à formação da fé nas crianças formação. Isso precisa ser esclarecido como parte da reformulação de abordagens para a formação da fé das crianças.

3.2 Desenvolvendo estratégias da igreja

Em nossa pesquisa, 68% dos líderes da igreja entrevistados afirmaram que não tinham estratégia ou visão para ministério infantil em seu ambiente, enquanto menos de dois por cento disseram que sim. O restante explicou que eles estavam explorando ou considerando o caminho para seguir. Outros comentários, por 13% dos entrevistados, revelavam que estavam retornando às atividades pré-pandemia, 8% disseram que sua estratégia foi recrutar ou treinar equipes de seus filhos e nove obstáculos detalhados para desenvolver uma estratégia, como “sem voluntários”, “pressões financeiras”, “pais esgotados”, “nossa igreja não é boa em planejando com antecedência” e “discordância da igreja sobre a importância disso”.

Trinta e quatro por cento dos respondentes responderam que estavam fazendo ajustes em seus programas ministeriais, como “serviços mais interativos”, “sala silenciosa na igreja para mostrar transmissão ao vivo”, “executar os pais pela fé cursos”, “administrar um curso Alpha para jovens” e “criar mais oportunidades de ministério”. É interessante que os entrevistados listaram essas coisas em resposta à pergunta sobre sua estratégia, visão ou plano, insinuando que eles perceberam a própria provisão de atividades como sua estratégia. As respostas a esta A questão revelou um grau de confusão e ambiguidade do conceito de estratégia, e um perspectiva. Na pesquisa canadense, não foi encontrada uma única igreja que tenha uma estratégia para a educação de seus filhos ministério.²⁵

Certamente isso destaca uma necessidade urgente da igreja considerar mais profundamente sua visão e estratégia daqui para a frente, a fim de aumentar a eficácia de seu ministério e mudar a forma pela qual o ministério entre as crianças é realizado. Muitos continuam o que estavam fazendo antes

²³ Barna (2019b)

²⁴ Oh and Hong (2021)

²⁵ Scripture Union (2021)

do Covid-19, esperando que uma estratégia se desenvolva quando começarem a reabrir seu ministério. Numa veia semelhante, as entrevistas brasileiras revelaram pouco ou nenhum planejamento estratégico ainda para o caminho a seguir sobre o ministério infantil.

A maioria explicou que eles ainda trabalham no recrutamento de voluntários e no fornecimento de um espaço para que crianças e famílias possam retornar aos encontros de forma presencial. Três líderes da igreja no Brasil afirmaram que não tinham tempo ou energia para se concentrar no ministério infantil nesta fase, mas estariam abertos a organizações externas que investem no trabalho infantil. Da mesma forma, as entrevistas do Reino Unido revelaram que o ministério infantil durante a pandemia foi muito reativo e responsivo para atender às necessidades imediatas à medida que surgissem, com um entrevistado afirmando: “há não havia um objetivo claro por toda parte. Temos divagado o nosso caminho através deste tempo, respondendo às necessidades de nossas famílias da melhor maneira possível... respondendo onde nossos filhos se encontram.”

Em muitos casos, observou-se que o ministério infantil focou mais na tarefa do que na espiritualidade devido à situação pandêmica. Agora que estamos nos movendo para um momento de pós-pandemia, deve haver uma clara mudança de direção, principalmente porque parece que os recursos e ferramentas usados antes do Covid-19 não foram bem transferidos. Uma dependência contínua dos currículos da Escola Dominical ou Escola Bíblica de férias deixaram a maioria das igrejas inadequadamente equipadas para o ministério “fora da caixa”.²⁶

Os recursos e ferramentas a serem utilizados para esta nova realidade futuros não devem, portanto, ser tão rígidos e devem ser adaptados a cada ambiente local. Deve-se notar que muitas vezes não são os líderes de crianças que expõem suas estratégias de igreja e trajetórias de ministério. Pelo contrário, são os líderes da igreja. Portanto, parece essencial à igreja que os líderes abordem a estratégia para a formação da fé das crianças como parte da estratégia mais ampla da igreja. A menos que sejam feitos planos estratégicos, os obreiros do ministério infantil não serão apreciados e os pais não serão encorajados a assumir a liderança na formação espiritual de seus filhos. Há uma profunda necessidade para uma maior consideração e inclusão deste ministério em altos níveis de liderança da igreja.

3.3 Priorizando o ministério familiar

Na maioria dos casos do Reino Unido, os ministérios de adultos e crianças operaram separadamente durante a pandemia, levantando a preocupação de que os adultos não vejam ou valorizem as crianças como parte da comunidade de fé. Observações anedóticas indicam que esta situação ainda continua até certo ponto. A pesquisa canadense afirmou que 'devemos aumentar o perfil do ministério da família, mostrado por alguns desses comentários expressos por igrejas canadenses: 'Envolver os pais não é opcional', e 'Os colaboradores não

²⁶ Scripture Union (2021)

querem voltar ao ministério no contexto onde os pais confiem totalmente à igreja a responsabilidade de nutrir a fé das crianças... pais precisam intensificar para discipular seus filhos e envolvê-los propositadamente.²⁷ De fato, esse tipo de abordagem parece ser o desejo dos pais neste estudo, mas esta pesquisa indica que essa noção não parece ter penetrado ainda até o nível operacional da vida da igreja.

4) A Visão Suprema: Chegando à Terra Prometida

A pesquisa nos permite identificar e analisar as mudanças na vida e no ministério. Contudo, precisamos fazer mais do que simplesmente observar ou estar cientes da situação. Em vez disso, precisamos saber o que fazer para se preparar para as batalhas à frente. Pense na história dos doze espiões enviados à terra prometida, e ponderar como teria sido para Calebe saber que os líderes e a geração atual não entrariam na terra prometida com ele; apenas “os pequeninos ainda não sabem distinguir o bem do mal”.²⁸

Que planos e estratégias Josué e Calebe colocaram em prática? Naquele lugar daquele dia em diante, sabendo da batalha que travariam no futuro? Como mudaram a forma de prepararem essas crianças para lutar contra os gigantes da terra? A realidade é que a sociedade continua a mudar diante de nossos olhos e aqueles que nos rodeiam duvidam de como entrar na terra prometida. Temos a oportunidade de ajudar a preparar nossas crianças para a batalha que enfrentarão pela frente com os gigantes! É nossa recomendação que haja uma mudança significativa de paradigma em todo o mundo cristão, na Igreja, no que diz respeito ao costume, prática e tradição predominante e à estrutura de formação da fé das crianças.

➤ Há uma necessidade urgente das igrejas **priorizarem a formação da fé das crianças**, uma vez que foram tão negativamente impactadas e marginalizadas devido à pandemia. É necessário para isso ocorrer em nível de liderança de igrejas locais e organizações para-eclesiais, ao invés apenas os líderes de crianças ou as próprias famílias. Formação de estratégias claras para o ministério daqui para frente será de suma importância.

➤ Em vez de se limitar a atividades distintas das crianças, o cultivo da fé seria mais eficaz se for realizado de **forma colaborativa em diferentes setores da vida da criança**, incluindo casa, igreja e escola. Isso exige que as igrejas sejam vistas como parceiras em nutrir a fé das crianças, em vez de prestadoras de serviços. Além disso, as igrejas precisam corrigir seus esforços para apoiar, equipar e capacitar os pais cristãos em seu papel de nutrir a fé das crianças. Em vez de fornecer recursos, é necessário um nível mais profundo de diálogo para transformar a mentalidade existente de pais que se sentem mal equipados.

➤ Em vez de ser orientado por conteúdo, há necessidade de maior conexão relacional, para que haja **mais atenção e facilitação de contatos**

²⁷ Scripture Union (2021)

²⁸ Deuteronômio 1:39

relacionais entre crianças e comunidades de fé, particularmente em diferentes gerações.

Referências

- Allen & Ross (2012). Formação cristã intergeracional: reunindo toda a igreja em Ministério, Comunidade e Adoração. Downers Grove, IL: IVP Academic.
- Barna, (2019a). Famílias de fé, Venture: Barna Group.
- Barna (2019b), Quem é responsável pela formação da fé das crianças?, Verona: Barna Group, <https://www.barna.com/research/children-faith-formation/> ,
- Barna (2020a), Conversas Covid-19, Verona: The Barna Group, <https://www.barna.com/research/future-kids-ministry/> .
- Barna (2020b), Pesquisa, Verona: The Barna Group, <https://www.barna.com/research/children-church-home/> .
- Boaheng, I., 2021. Cristianismo e pandemia de COVID-19: Uma reflexão pastoral e teológica do contexto ganense. *Jornal de Teologia Pastoral*, pp.1-14.
- Brueggemann, W. (2011). A imaginação profética. <https://onbeing.org/programs/walterbrueggemann-the-prophetic-imagination-dec2018>
- Aliança Evangélica (2020). Mudando de Igreja, [Mudando de igreja-resposta-ao-coronavirus-crisis.pdf \(eauk.org\)](https://eauk.org/mudando-de-igreja-resposta-ao-coronavirus-crisis.pdf)
- Holmes, S. (2020). Uma exploração da educação da fé cristã online para crianças, usando igrejas do Reino Unido como estudo de caso, *International Journal of Christianity & Education*.
- Holmes, SE, (2021). A natureza mutável do ministério entre crianças e famílias no Reino Unido durante a Pandemia do Covid-19. *Revista Educação Cristã*.
- Holmes, S., Sandsmark, A., Sonnenberg, R. e Weber, S., (2021). Reflexões sobre o ministério entre as crianças durante a pandemia de Covid-19. *Journal of Youth and Theology* , 20 (1), pp.82-106.
- Johnston, EF, Eagle, DE, Headley, J. et ai. (2021). Ministério Pastoral em Tempos Incertos: Um Estudo qualitativo das experiências do clero durante a pandemia de COVID-19. *Revisar Religioso Pesquisa*
- Mark, O. (2016). *Passing on Faith*, Londres: Theos.
- Oh, HJ e Hong, K., 2021. Um Estudo de Caso do Ministério Infantil Online na Coreia do Sul Durante a Pandemia do covid19. *Revista Educação Cristã*.
- Ross, C. (2021). A esperança é dura: reflexões em tempos de COVID-19, *Teologia Prática* , 14:1-2, 86-97, DOI: [10.1080/1756073X.2020.1845932](https://doi.org/10.1080/1756073X.2020.1845932)

União das Escrituras, (2021), Relatório do Ministério Infantil do Canadá, Pickering: União das Escrituras.

Yemtsa, KB, 2021. Usando a pandemia de COVID-19 como novas lentes para gerar uma análise mais espessa de quatro teorias de pesquisa sobre discipulado dentro de uma congregação reformada. Teologia Prática, 14 (1-2), pp.58-71.